

CARLOS VASCONCELOS MAIA E O LEQUE DE OXUM: UMA LITERATURA DO POVO

FilismíNA FERNANDES SARAÍVA*

* Universidade do estado da Bahia –
UNEB.

E

Resumo

Este texto situa o escritor Vasconcelos Maia no cenário da literatura baiana. Também elucida que é com a novela **O leque de Oxum** que, Maia faz uma literatura para o povo. Mostra o lugar de fala do autor e seu pioneirismo em introduzir na literatura o culto aos ancestrais. Ao mesmo tempo se discute como é possível relacionar literatura e cultura através da Literatura Comparada, usando como pretexto a obra de Maia. Por fim, evidencia a construção da identidade da personagem Undset a partir do exercício da alteridade positiva e sua relação com o povo negro.

Palavras-chave: Literatura baiana; Culto aos ancestrais; Literatura e cultura; Construção de identidade.

INTRODUÇÃO

Este texto mostra como o escritor baiano Carlos Vasconcelos Maia utiliza a arte, nesse caso a literatura, para fazer ecoar as vozes do povo negro baiano, conforme o ideário do grupo Caderno da Bahia (1948-1951) do qual ele fez parte. O artigo evidencia que é com **O leque de Oxum** (2006) que Maia insere, de fato, a cultura negra na literatura. No primeiro item, o texto traça um breve perfil do autor situando-o, já que não é reconhecido como um escritor canônico, além de elucidar um pouco da sua relação com os cultos afro-brasileiros de Orixá e de Ancestrais. Na segunda parte, discute-se através de Hall a prática política de Vasconcelos ao construir uma novela que traz o culto aos eguns, culto de matriz africana, para um elemento da chamada alta cultura, a literatura escrita, e mostra como a literatura comparada abre caminho para se relacionar literatura e cultura. Por fim, neste item se discute a alteridade positiva, a construção da identidade da personagem Undset e sua relação não colonialista com o povo negro.

CARLOS VASCONCELOS MAIA, SEU LUGAR DE FALA: SEU PIONEIRISMO

Maia não se inscreve na categoria de escritores canônicos e não é muito estudado pela academia, enfim tem ficado à margem. Por isso, compreendo a necessidade de um breve histórico sobre a sua trajetória.

Carlos Vasconcelos Maia é um escritor baiano que nasceu na cidade de Santa Inês, no centro-sul do estado, em 1923. No início da carreira publicou crônicas e reportagens em revistas estudantis. Em 1946 publicou a primeira coletânea de contos. Maia morreu em 16 de julho de 1988. Fez parte do Movimento Caderno da Bahia: Revista de Cultura e Divulgação (1948 a 1951); era um dos líderes da revista, o diretor responsável e administrador financeiro. Os encontros do grupo ocorriam no armário do escritor. A idéia da revista era fazer com que as artes chegassem a um número maior de pessoas e que a cultura afro-brasileira, tão presente no cenário local, fosse levada em consideração, assim, pretendiam romper com o academicismo da época¹. Apesar de Vasconcelos não ser simpatizante do socialismo como os demais membros do grupo, ele fez ecoar vozes de negros e pobres. Diferentemente de alguns companheiros da revista que, às vezes, não conseguiam conciliar a teoria com a prática, produzindo materiais de difícil compreensão para o povo.

O grupo era formado por Claudio Tuiti Tavares, Vasconcelos Maia, Darwin Brandão, Wilson Rocha – corpo diretivo da revista –, Mário Cravo, Paulo Jatobá, Walter da Silveira, Carlos Bastos, Genaro de Carvalho, Hélio Vaz, Genner Augusto, Lygia Sampaio, Ladislau Bartok e Rubem Valentim, todos simpatizantes do socialismo com exceção de Vasconcelos Maia. Mais tarde se integraram ao grupo Heron de Alencar, Adalmir da Cunha Miranda e Pedro Moacir Maia. Não havia nenhuma ideologia determinante por trás da formação do grupo, apenas queriam diminuir a distância entre as artes e o povo. Também não eram seguidores do modernismo, e ao mesmo tempo, não eram contrários ao movimento.

Maia foi diretor de turismo da cidade do Salvador, viajou pela Bahia e procurou desenvolver o turismo em outras áreas do estado. Autor de vários livros tematizando a cidade da Baía de Todos os Santos, ele é classificado como escritor de ficção citadina por Jorge Amado em prefácio a **Histórias da Gente Baiana**, de Vasconcelos, lançado em 1964.

Já a ficção citadina, a que tem a capital da Bahia como cenário e o baiano de Salvador como herói, diferencia-se da cacauieira e da sertaneja. Nasce ela de Xavier Marques, filho de Itaparica, ilha e cidadezinha que são prolongamento natural de Salvador, nutre-se de mar, de brisa, de saveiros e orixás, de cordialidade e imaginação. Seus mestres de hoje são Dias da Costa e Vasconcelos Maia, a cujos nomes juntam-se os mais recentes de Ariovaldo Matos, José Pedreira, Luis Henrique, A. Mendes Netto e João Ubaldo Ribeiro (AMADO *apud* MAIA, 1964, p. 8)

Entrevista ao professor Pedro Moacir Maia, feita por Karine Rêgo em agosto de 1998.

Em *O leque de Oxum* (2006), novela que foi publicada a primeira vez em 1958, é possível perceber esta atmosfera de que fala Jorge Amado. A novela conta a história de uma mãe-de-santo que por amor desafiou o poder de seu orixá. A maior parte da história se passa na ilha de Itaparica, onde até hoje, acontece o culto a Babá Egun, culto aos ancestrais, o qual é retratado na ficção de Maia.

Segundo Ívia Alves (2006), em prefácio à terceira edição de *O leque de Oxum* (2006), é com esta novela que Maia consegue encontrar a medida certa para falar da cultura negra e da cultura dominante, Ívia Alves diz ser Maia um escritor entre duas culturas. A cultura negra e o negro não são retratados de forma exarcebada e exótica. Também é nessa novela que Maia traz um mundo negro jamais visto na literatura brasileira, trata-se do culto a Babá Egun. Na música, Gilberto Gil inaugura essa temática gravando "Babá Alapalá" em 1977, uma homenagem ao Egun Babá Alapalá da linhagem de Xangô, orixá deus do trovão e da justiça. Em se tratando de teoria, Juana Elbein dos Santos publicou *Os Nagô e a morte*, fruto de sua tese de doutoramento, o livro trata da tradição nagô do culto aos ancestrais.

Trazer a religiosidade negra para sua ficção talvez não tenha sido tarefa tão difícil, pois, o escritor de Santa Inês mantinha relações muito próximas com alguns cultos afro-brasileiros. Chegou a fazer parte do culto aos Orixás no Candomblé Ilê Axé Opô Afonjá, situado em São Gonçalo do Retiro em Salvador. Foi Ojuobá, um posto também dado a Pierre Verger, o francês recebeu o cargo após Maia. O Ojuobá também frequentou o Ilê Aboulá, candomblé de culto aos eguns que ainda existe na ilha de Itaparica, provavelmente é esse o candomblé de egun que inspira a sua obra, pois, era também o terreiro que Mãe Senhora tinha um posto litúrgico. A Ialorixá era a mãe-de-santo de Maia no Opô Afonjá e é personagem na novela.

A idéia do movimento Caderno da Bahia era de aproximar as artes do povo, mas, segundo Karine Rêgo (1999) muitas vezes os próprios escritores da revista entravam em contradição, pois, faziam poesias herméticas que não condiziam com suas propostas. Porém, Carlos Vasconcelos Maia consegue, através de contos, falar de cultura popular e da realidade local sem esquecer o global ao tratar de temas que podem acontecer com qualquer pessoa². Mas, é com *O leque de Oxum* (2006) que Vasconcelos Maia insere de fato a cultura negra em sua literatura e o faz através de uma linguagem simples, mas permeada de palavras africanas, o Yorubá, língua africana que mais se preservou devido à resistência religiosa desse povo no Brasil.

Entrevista ao professor Pedro Moacir Maia, feita por Karine Rêgo em agosto de 1998.

UMA LITERATURA do povo

Segundo Stuart Hall (2003), o intelectual orgânico deve ter conhecimentos superiores e transmitir suas idéias aos que não pertencem à classe intelectual. O trabalho intelectual e teórico deve ser uma prática política. Esse trabalho intelectual sério deve ter o compromisso de mudar o social ou de incentivar a ação, o intelectual orgânico convive com essa tensão. Ao perder o contato com essa tensão, o intelectual poderá

produzir ótimo trabalho, mas, perderá a prática intelectual como política. Também, não se chega perto do que são os estudos culturais senão se conviver com a tensão a que se refere Hall. Assim, trazer a cultura afro-baiana para a literatura faz com que o povo negro e camadas menos privilegiadas da sociedade se vejam em um elemento da chamada alta cultura: a literatura. Deve-se considerar que, principalmente hoje, pessoas de diversas camadas sociais ocupam espaços nos candomblés e em outras faces da cultura negra, mas, não se pode perder de vista que os espaços de direção e as origens da cultura negra brasileira estão, na maioria das vezes, nas mãos de pessoas oriundas de camadas populares. Por isso, considero a ação de Carlos Vasconcelos Maia uma prática política. As culturas de origens africanas no Brasil continuam sendo alvo de preconceito e incompreensão, assim, pesquisar a obra de um escritor pouco estudado pelas Letras e uma obra que trabalha a cultura negra baiana também se inscreve nesta tensão de que nos fala Hall. A obra de Maia é movida por esta tensão de fazer ecoar a voz de quem sempre foi silenciado; de colocar em evidência a cultura de quem historicamente foi reprimido e recalçado, além de atualmente sofrer as conseqüências históricas através do preconceito. Por estes motivos, propus como pesquisa ao programa de pós-graduação em Crítica Cultural resgatar o escritor Vasconcelos Maia e estudar a novela **O leque de Oxum** (2006) do citado autor que, a meu ver, era um intelectual orgânico.

Em **O leque de Oxum** (2006) é possível relacionar literatura e cultura através da literatura comparada, pois ela põe em relação diferentes sistemas e campos do saber.

Eneida de Souza e Wander Miranda afirmam que é a abordagem transdisciplinar que tem orientado a maioria dos estudos mais recentes em Literatura Comparada, nos quais é determinante o entrecruzamento da literatura com sistemas semiológicos diversos. (RAMOS, 1999, p. 206)

A literatura comparada já foi subsidiária da historiografia literária; sua prática já foi simplesmente encontrar a fonte e identificar as influências de um autor. Também deixou de ser internacionalista, antes a comparação deveria ser entre uma literatura nacional e necessariamente envolver uma literatura internacional. E por fim, o que talvez tenha sido o mais difícil de acontecer, deixou de ser exercida apenas dentro do campo da literatura para pôr “em relação diferentes campos das Ciências Humanas” (CARVALHAL, 1991, p. 9). Como diz Eneida Maria de Souza, a literatura comparada é “o espaço nômade do saber” (SOUZA, 1994, p. 19), ou seja, ela é uma disciplina aberta ao trânsito e às trocas inter-semióticas. É o lugar da transdisciplinaridade. Também o significado de comparar já foi modificado e passou a ser indagar, questionar, investigar dentre outros. Neste sentido, cabe-nos indagar, questionar, investigar se há alteridade positiva e que construção de identidade há na personagem Undset e sua relação com o povo negro em **O leque de Oxum** (2006).

Segundo Marilena Chauí (1993), há dois tipos de alteridade, a positiva e a negativa. A alteridade positiva é aquela que dá o direito a diferença

e convive lado a lado. Já a alteridade negativa dá o direito à diferença, mas não permite que o outro conviva ao seu lado. Gildeci de Oliveira Leite afirma no artigo “Literatura e Mitologia afro-baiana: encantos e percalços” que: “a prática da alteridade negativa é irmã do etnocentrismo; da xenofobia e da xenofilia.” (LEITE, 2007, p. 97).

Ao analisarmos a personagem Undset de *O Leque de Oxum* (2006) é possível identificar a alteridade positiva agindo dele para com o povo-de-santo e do povo-de-santo para Undset, que é europeu. O narrador da novela se assusta ao ver entre os Ojés³ do culto um homem branco:

Ojé é um sacerdote do culto aos ancestrais.

Ainda bem não me refizera da surpresa com a entrada brusca dos ojés, outra maior assaltou-me: entre eles havia um que era branco de cabelos louros, branco de olhos azuis. (MAIA, 2006, p. 49)

Jamais esperava encontrar num povoado de negros, entre os sacerdotes de um legítimo culto negro, um homem branco e louro, um estrangeiro europeu com ojé de babá, dançando, cantando e falando Kêto. (MAIA, 2006, p. 50)

É compreensível que o narrador se assuste com a presença de Undset no terreiro, pois, com tanta intolerância contra as religiões negras e ainda num terreiro de culto a Babá Egun, culto bastante fechado, onde qualquer visitante deve ter sido convidado por algum adepto, o narrador tem alguma razão em se assustar. Mas, é exatamente aí, na presença do branco louro em meio aos negros que a alteridade positiva está vigorando. Undset foi aceito pela comunidade negra sem ter passado por nenhuma rejeição, o povo negro o acolheu. Ser ojé no citado culto é um alto posto, é uma honra para o escolhido. Também Undset aceitou ser um deles, com todas as honras e com todas as obrigações que o culto exige, ele exerce aqui a alteridade positiva. Segundo Gildeci de Oliveira Leite “as escolhas são feitas anteriormente ao colo do útero, existe uma relação direta com a ancestralidade, nem sempre visível aos olhos da matéria, o que explicaria a existência de brancos estrangeiros no candomblé.” (LEITE, 2007, p. 98). Essa afirmação converge com a narrativa de Maia, pois, para ser Ojé é preciso ter ancestralidade compatível com o tamanho da distinção recebida. Pode-se dizer que o Ojé sueco agora é um negro, pela sua prática, suas ações, seu respeito pela religião e seus fiéis. Mas, ele nasceu na Suécia, é um estrangeiro, foi criado lá, só veio pra Bahia adulto. Como caracterizar a identidade desta personagem? Se é que se pode caracterizar uma identidade ao invés de identidades. Para Stuart Hall (2003), o sujeito que antes pensava ter uma identidade fixa e uma está se tornando fragmentado, ou seja, ao invés de ter uma identidade, ele passa a ter várias e mutáveis identidades. Assim, a personagem de *O leque de Oxum* (2006), Undset, é um sujeito fragmentado, pois, tem várias identidades, mutáveis e contraditórias. Ele é um homem branco, estrangeiro, mas que possui um posto litúrgico numa religião de matriz africana, Undset é um fiel do culto aos ancestrais. Essas identidades contraditórias da personagem, corroboram com o que diz Hall:

A identidade torna-se ‘uma celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam

(Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2003, p. 13)

A história de Undset diz muito mais sobre sua identidade do que a cor de sua pele ou a cor de seus olhos. Ele foi combatente na segunda guerra mundial contra os nazistas e apesar de pertencer a um país europeu, não adota um discurso do colonizador.

No início, quando se mudou para o coqueiral na ilha de Itaparica, o sueco não admitia intimidades com o povo dali, não queria se misturar e achava a crença nos eguns exótica e primitiva, mas depois que conheceu o culto e o povo, passou a respeitá-los. O discurso do colonizador quer fazer com que o outro creia ser inferior através de estereótipos que seu discurso constrói em cima de valores, crenças, modos de vida, enfim, em cima da cultura do colonizado, com um único intuito, de dominá-lo. Undset se permitiu conhecer o outro e quebrou com os estereótipos que havia construído para o povo-de-santo e da ilha. Não permitiu que a percepção apenas da identidade primária, aquela que não subjetiva o outro fosse seu guia. Desta forma Undset combateu as estratégias do colonizador e não permitiu nem compartilhou com a perpetuação de estereótipos e preconceitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vasconcelos Maia se preocupou em colocar como personagem da novela um branco e mostrar que este foi capaz de conhecer e respeitar a cultura do outro e não só isso, mostrou que o estrangeiro, ao invés de ser o colonizador, se tornou parte daquele povo. Assim, conclui-se que com **O leque de Oxum** (2006) Maia consegue fazer uma literatura mais próxima do povo corroborando com o que defendia o movimento Caderno da Bahia.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ivia. Vasconcelos Maia: um escritor entre duas culturas. In: MAIA, Vasconcelos. **O leque de Oxum**. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2006.

AMADO, Jorge. Vasconcelos Maia Contista da bahia In: MAIA, Vasconcelos. **Histórias da gente baiana**. São Paulo: Editora Cultrix, 1964.

BHABHA, Homi K. A outra questão. In: BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998, p.105-128.

CARVALHAL, Tânea Franco. Literatura Comparada: A estratégia interdisciplinar. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. São Paulo, n. 2, p. 09-21, maio 1994.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e racismo: aula inaugural na FFLCH – USP em 10.03.1993. *Revista Princípios*. São Paulo, n. 29, p. 10-16, junho-julho de 1993.

GIL, Gilberto. **Babá Alapalá**. In: Refavela. Magic Master. Rio de Janeiro, 2002.

HALL, Stuart. Estudos Culturais e seu legado teórico. In: HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidade e Mediações Culturais**. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Tradução de Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7 ed. RJ: DP&A. 2003.

LEITE, Gildecide de Oliveira. **Literatura e Mitologia afro-baiana: encantos e percalços**. In: BRANDÃO, Maria de Azevedo *et al.* (Org). *Recôncavo da Bahia: educação, cultura e sociedade*. Amargosa, Bahia: Ed. CIAN, 2007. p. 95-99.

MAIA, Vasconcelos. **O leque de Oxum**. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2006.

NASCIMENTO, Karina Rêgo. **Movimento Caderno da Bahia - 1948-1951**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

RAMOS, Ana Rosa Neves. **Estudos Culturais e Expressões Identitárias**. In: Ana Luiza Andrade *et al.* (Org). *Leituras do Ciclo*. Santa Catarina: Abralic/Chapecó:Grifos, 1999, v., p. 203-212.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nagô e a morte**. Petrópolis: Vozes, 1986.

SOUZA, Eneida Maria de. Literatura Comparada: o espaço nômade do saber. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, São Paulo, n. 2, p. 19-24, maio 1994.